

# O Grupo de Combate (GC)

## Elemento Básico de Emprego da Infantaria

Maj Viktor Potočnik, Forças Armadas da Eslovênia

*A tecnologia da informação tem se tornado tão importante em definir o poder militar que ela domina quase todo o resto. ... A linha de frente está desaparecendo da guerra. Os exércitos precisam se ocultar. A cobertura e a dissimulação se tornam procedimentos usuais. A*

*vitória vai pender para o lado que possuir mais influência sobre a tecnologia e melhor acesso à infraestrutura eletrônica do mundo.*

—Bruce Berkowitz, *The New Face of War*  
(“A Nova Face da Guerra”, em tradução livre)



**B**ruce Berkowitz estava quase certo. Na verdade, contudo, as guerras no Iraque, no Afeganistão e na Síria têm nos mostrado que o acesso à melhor tecnologia e a uma forte infraestrutura eletrônica são, simplesmente, insuficientes e continuarão assim por muito mais tempo. Embora a tecnologia — a tecnologia da informação em particular — e o acesso à infraestrutura eletrônica sejam importantes, eles não são decisivos. Os sistemas de armas de longo alcance e o uso extensivo da tecnologia fazem com que esqueçamos um princípio básico da guerra: a guerra é um empreendimento humano. Ela provém de interesses e emoções humanas, e é motivada por eles.

Este artigo se dedica ao estudo do elemento básico de emprego da infantaria, o grupo de combate (GC) de fuzileiros, em termos de suas capacidades, potencial de sobrevivência, poder de combate e emprego no campo de batalha. Levando em consideração o histórico do GC, discutiremos alguns dos métodos alternativos para sua organização, sua dotação de material e suas principais táticas. Por fim, analisaremos os impactos da nova tecnologia no GC da infantaria.

## As Origens Históricas da Composição do GC e seu Papel no Campo de Batalha

Podemos buscar antecedentes para unidades tão pequenas como um GC de infantaria moderno na legião romana. Lá, um *contubérnio* consistia em oito legionários que compartilhavam uma barraca e estabelecia o componente básico de uma *centúria*<sup>1</sup>. Contudo, um *contubérnio* não era uma unidade de combate independente, e seu comandante apenas desempenhava deveres administrativos.

O GC apareceu, pela primeira vez, durante a Primeira Guerra Mundial. As armas automáticas no campo de batalha, com seu enorme volume de fogos, causaram uma paralisação na frente ocidental, fazendo com que as tradicionais formações de infantaria da época ficassem incapazes de manobrar. Ao mesmo tempo, o peso relativamente grande das antigas metralhadoras restringiam a mobilidade dos GC no campo de batalha. No entanto, isso mudou quando os alemães

**Página anterior:** Militares da Guarda Nacional do Exército do Estado de Nova Jersey da 114ª Brigada de Infantaria (Assalto Aéreo) fazem um ensaio em seco, antes de realizar um exercício de tiro de fração na Base Conjunta McGuire-Dix-Lakehurst, Nova Jersey, 9 Abr 18. (SO Matt Hecht, Guarda Nacional Aérea dos EUA)

introduziram uma metralhadora leve na infantaria. A partir de então, pequenos grupos de fuzileiros organizados em torno de uma metralhadora leve podiam atacar um objetivo e conquistá-lo. O grupo de combate se tornou a unidade tática básica.

A partir dessa experiência, os exércitos ocidentais reorganizaram suas infantarias e constituíram os GC em torno de metralhadoras leves ou fuzis automáticos. Porém, desde o início, uma questão surgiu em relação ao emprego de um elemento de infantaria organizado em torno de uma metralhadora leve: ele deveria atuar apenas como base de fogo ou ele seria um elemento de manobra; ou, talvez, realizasse ambas as tarefas simultaneamente? Nos anos após a Segunda Guerra Mundial, diversos métodos e teorias lidaram com a questão do elemento básico da infantaria e sua missão. Contudo, esses argumentos perderam prioridade nas discussões profissionais porque os exércitos, como um todo, estavam se tornando progressivamente mais complexos, caros e limitados em efetivo<sup>3</sup>. A maioria dos exércitos ocidentais se preocupava com a capacidade do GC de fazer manobras sob fogo, em preparação para um assalto final contra posições inimigas para conquistá-las. Contudo, há uma outra abordagem para o emprego de um GC no campo de batalha que merece atenção.

## Considerações-Chave no Campo de Batalha para Determinar o Elemento Básico de Emprego da Infantaria

Na medida em que procuramos definir o elemento básico da infantaria, devemos, antes de tudo, definir aquilo que ele deve ser, de fato, capaz de realizar. Nos exércitos ocidentais, a noção amplamente aceita é que o papel do GC é aproximar-se do inimigo e destruí-lo. Ele realiza essa tarefa por todo o espectro de operações ao fazer manobras para capturar um objetivo, com a intenção de conquistar e manter o terreno<sup>4</sup>.

O advento da pólvora e dos explosivos no campo de batalha levou à crescente letalidade das armas. As unidades, que se confrontavam com armas e explosivos cada vez mais sofisticados, foram forçadas a se dispersar, além de frequentemente atuarem sem contato direto com outras unidades amigas<sup>5</sup>. Hoje, essa característica se tornou ainda mais marcante, graças ao uso de munições modernas de alto poder explosivo e de maior precisão. Os exércitos são forçados a adotar formações táticas menores e mais dispersas, até o ponto em que

uma fração de tropa ou um indivíduo já não representem um alvo economicamente viável para as munições explosivas de alta precisão.

Por outro lado, a psicologia sugere que o contato físico entre os companheiros de armas durante combate é extremamente importante<sup>6</sup>. O contato físico, como um componente da coesão e da moral da unidade, é até mais importante para o êxito do que a precisão no tiro. Além disso, pesquisas da [empresa] RAND salientam as muitas vantagens de se ter pequenas frações de combate mais robustas, como maior resistência, melhores técnicas de “fogo e movimento” e maior facilidade de serem reorganizadas em elementos de assalto, apoio ou segurança.

As outras características essenciais do campo de batalha moderno que precisam ser consideradas ao se determinar os aspectos do elemento básico da infantaria são a crescente importância e o emprego da tecnologia; a complexidade e a variedade dos ambientes operacionais; e a presença de civis, além de muitos outros atores conflitantes no campo de batalha. Finalmente, na medida em que analisamos o componente básico da infantaria, devemos, também, considerar as limitações políticas e econômicas impostas às forças armadas em termos de custo-benefício.

## A Definição do Elemento Básico de Emprego da Infantaria nos Exércitos Ocidentais

A composição das unidades de infantaria e o processo de formação dos GC variam significativamente entre os integrantes da OTAN<sup>9</sup>. Seguem três exemplos distintos de como são definidos e organizados os GC em três exércitos diferentes da OTAN.

**O GC do Exército dos EUA.** Para o Exército dos EUA, “a esquadra do GC é projetada para lutar como uma equipe e é o elemento de combate dentro do pelotão de infantaria. ... Atualmente, há apenas um tipo de GC de fuzileiros e seu papel principal é de um elemento de manobra ou de base de fogos”<sup>10</sup>. Também, o Exército dos EUA divide as esquadras em duplas de soldados chamadas “duplas de cangas”<sup>11</sup>. Dentro dos GC do Exército dos EUA há duas esquadras equilibradas<sup>12</sup>. Qualquer uma delas pode servir como base de fogos ou elemento de manobra. No nível pelotão, há, também, um grupo de apoio (G Ap), cuja finalidade principal é “proporcionar a base de fogo para a manobra do pelotão”<sup>13</sup>.

**O GC das Forças Armadas da Eslovênia.** O segundo exemplo da organização do GC é o das Forças Armadas da Eslovênia (FAE), como definido pelo manual de campanha do comandante do grupo de combate das FAE<sup>14</sup>. A missão do GC é destruir ou incapacitar combatentes, sistemas de armas e material bélico inimigos. O GC é a menor unidade de infantaria das FAE, e ele não se subdivide. Apenas sob circunstâncias extremas, ele conduziria operações de combate independentes<sup>15</sup>. No entanto, há vários tipos de GC na infantaria (e.g., fuzileiros, reconhecimento e metralhadora).

**O GC do Exército Francês.** O terceiro exemplo é o GC de fuzileiros do Exército Francês. É composto por duas esquadras com base no alcance efetivo de seus sistemas de armas — uma de 300 m e outra de 600 m — e uma tripulação de veículo<sup>16</sup>. O Exército Francês organiza seus GC em torno de células de três combatentes, com a opção de acrescentar especialistas a elas. Dependendo da fonte, a composição das esquadras desembarcadas varia entre equipes de dois, três e quatro integrantes. Um comandante do grupo de combate comanda as duas esquadras desembarcadas, além da tripulação do veículo<sup>17</sup>. O Exército Francês considera o GC como o elemento básico da infantaria, já que as células são constituídas de acordo com seu papel durante combate e, assim, se mostram incapazes de atuar de forma independente.

Todos os exemplos acima mencionados descrevem os GC da infantaria com uma forte propensão para soluções organizacionais e de poder de fogo fixas. No entanto, alguns especialistas advogam que existem outras maneiras de se organizar as menores frações.

## Os Grupos de Combate dos Exércitos Orientais

Os exércitos orientais, até o final da Guerra Fria, não possuíam a mesma tecnologia militar moderna disponível aos exércitos ocidentais<sup>18</sup>. Contudo, isso não significava que

### O Maj Viktor Potočník

é oficial de infantaria das Forças Armadas da Eslovênia (FAE), servindo atualmente no Estado Maior-Geral das FAE. É mestre pelo Command and General Staff College do Exército dos EUA, em Fort Leavenworth, Kansas. Serviu anteriormente como oficial de operações (E/3) de uma brigada de infantaria das FAE e comandou pelotão de infantaria, companhia de infantaria e companhia de morteiros.

eram incapazes de rivalizar o poderio militar ocidental. Embora os exércitos orientais não fossem capazes de projetar poder militar por todo o mundo, estavam aptos a enfrentar as vantagens tecnológicas e de poder de fogo no seu próprio terreno, por meio de acurada execução tática e de soluções organizacionais singulares nos menores escalões táticos<sup>19</sup>.

**O GC do Exército Iraniano.** Quando analisamos a infantaria iraniana durante a Guerra Irã-Iraque (segundo H. John Poole), vemos um GC composto por um comandante de grupo de combate, um caçador, uma equipe de lança-rojões de dois combatentes e três esquadras de quatro combatentes dotados de fuzis automáticos. Nota-se a falta de uma metralhadora leve para fornecer fogo de cobertura<sup>20</sup>. Isso implica um método diferente de combater, que enfatiza a surpresa e a mobilidade acima do poder de fogo. Vale observar, também, o tamanho do GC, com 16 integrantes distribuídos em seis funções. Considerando que esse número transcende aquilo que é geralmente considerado a capacidade usual de comando e controle, esses GC devem ser bastante independentes e bem treinados.

**O GC do Exército de Libertação Popular.** Um outro exemplo é o GC do Exército de Libertação Popular (ELP) da China. As informações sobre essa tropa são raras, mas uma fonte de um fórum de discussão profissional indica que o GC do ELP possui nove ou dez soldados organizados em três células<sup>21</sup>. Vale mencionar que há um número relativamente grande de armas anticarro e a natureza desequilibrada dos elementos do GC chinês (em termos de efetivo e de sistemas de armas).

## O Modo de Guerra Oriental

As retiradas e as batalhas de posições fixas simuladas têm caracterizado o modo de guerra oriental. Os exércitos orientais preferem escolher quando e onde lutar, e dependem do movimento furtivo e da surpresa ao invés do poder de fogo. Eles, também, tendem a se desengajar da batalha quando percebem que a vitória está fora do seu alcance<sup>22</sup>. Seus métodos táticos variam muito e são muitos para serem abordados em detalhes aqui. Contudo, eles não fazem necessariamente uma distinção clara entre a guerra de guerrilha, a guerra de manobra e a guerra de posições fixas. Na verdade, eles podem conduzir a guerra de guerrilha e a guerra de manobra ao mesmo tempo. Com base nos ensinamentos

de Mao Tsé-tung e da filosofia taoísta, eles podem fazer essa transição entre os diferentes estilos de guerra com relativa facilidade. Ao contrário dos seus homólogos ocidentais que “se movem em direção ao som das armas”, os comandantes orientais exibem um maior grau de paciência, adaptabilidade ambiental, planejamento, flexibilidade e bom senso mesmo no nível GC<sup>23</sup>.

Os exércitos orientais estão avançando em tecnologia e poder de fogo. Excelência tática junto com paridade tecnológica têm o potencial de mudar o equilíbrio de poder militar que tradicionalmente tem favorecido o Ocidente. Talvez, o Ocidente deva incorporar algumas técnicas orientais para manter sua vantagem.

## Equilibrando Requisitos Conflitantes

Entre 1946 e 1966, os estudos do Exército dos EUA foram orientados com a finalidade de proporcionar a resposta ao que deveria ser o GC ideal. Devido à definição variável do GC ao longo do tempo, pode ser difícil comparar os resultados dos estudos, mas eles ainda nos dão uma boa referência quando tentamos determinar os requisitos essenciais do elemento básico de emprego da infantaria. Em geral, os estudos avaliaram o GC usando os critérios de controle, sustentabilidade, flexibilidade e letalidade.

**Controle.** A Conferência sobre a Infantaria de 1946 determinou que um comandante de grupo de combate tem dificuldade em controlar um efetivo maior do que nove integrantes, mesmo quando assistido por outro graduado. A conferência determinou, também, que a natureza do combate de infantaria impede o uso efetivo de esquadras subordinadas. Como resultado, foi esperado que um GC disparasse ou manobrasse, mas não fizesse as duas coisas ao mesmo tempo<sup>25</sup>. O 1966 Infantry Rifle Unit Study (“O Estudo de Unidades de Fuzileiros da Infantaria de 1966”, em tradução livre) determinou que o controle é facilitado quando se respeita a proporção de 1/4 ou 1/5 entre comandante e subordinados<sup>26</sup>. Ou seja, é geralmente aceito que um comandante pode controlar até cinco subordinados ao mesmo tempo. Contudo, a remoção do comandante do GC da posição de comandante de esquadra (mudando a proporção para 1/2) aumenta sua capacidade de tomar decisões em tempo oportuno e obter maior eficácia do que se estivesse exercendo simultaneamente o comando direto de uma das esquadras<sup>27</sup>.

**Atrito.** Um GC precisa ser pequeno para ser controlado pelo seu comandante, mas, ao mesmo tempo, precisa ser suficientemente grande para absorver as baixas. Os GC com menos de sete integrantes não podem sofrer uma baixa e continuar lutando. Se isso vier a ocorrer, é melhor reorganizar o pelotão em menos GC e, por conseguinte, ajustar o seu emprego tático<sup>28</sup>. Ter menos de nove integrantes impede que os GC realizem fogo e movimento. Foi reconhecido, também, que, rotineiramente, um GC em campanha opera com menos do seu efetivo autorizado por várias razões, não somente devido às baixas em combate<sup>29</sup>. Portanto, o tamanho doutrinário de um GC deve, de alguma maneira, levar em consideração todos os tipos de “atrito”.

**Poder de fogo.** Para conduzir efetivamente fogo e movimento, o GC precisa de poder de fogo supressivo proveniente de metralhadora leve orgânica. Contudo, a partir de um determinado número, as metralhadoras limitam a capacidade do GC de conduzir outras tarefas. Foi determinado que no máximo 30% dos integrantes do GC devem ser equipados com uma metralhadora leve. A melhor combinação de armas para um GC foi determinada a ser uma única metralhadora leve para a testa da coluna e a execução da base de fogos; um único lança-rojão; que junto com fuzis de assalto se presta para o combate aproximado<sup>30</sup>. Embora as metralhadoras leves e os lança-rojões sejam úteis para conquistar e manter terreno (a missão principal do GC), quando se trata do combate aproximado, o fuzil automático é a arma ideal. Portanto, uma unidade básica de infantaria dever ter uma preponderância de fuzis automáticos. Tradicionalmente, cada fuzileiro individualmente transporta munições adicionais para as armas de apoio do pelotão ou da seção, dessa forma é melhor reduzir o número de armas de apoio no GC a fim de proporcionar maior mobilidade<sup>31</sup>.

Ao contrário das descobertas mencionadas anteriormente, o consenso que ainda prevalece no Exército dos EUA permanece o mesmo: o tamanho ideal do GC é de nove integrantes, divididos em duas esquadras homogêneas. Contudo, segundo Timothy Karcher, isso se deve mais às limitações orçamentárias e de pessoal fora do controle do Exército dos EUA do que do reconhecimento da organização ideal<sup>32</sup>.

**Espaço nos veículos.** Outro fator importante na organização de unidades de infantaria é o espaço disponível no interior dos veículos para transporte de tropa. Os

militares frequentemente aceitam o espaço do veículo como é fornecido, sem questionar seus efeitos doutrinários e sua razão tática. O espaço na viatura não deve determinar o tamanho da fração de infantaria; deveria ser justamente o contrário. O tamanho da fração deve ser determinado por sua finalidade doutrinária.

Os exércitos tendem a compensar o tamanho reduzido do GC aumentando o poder de fogo. Contudo, um incremento no poder de fogo significa um aumento na quantidade de equipamentos transportados pelo GC, com isso “a perda de apenas um combatente no GC coloca um crescente ônus físico naqueles que permanecem”<sup>33</sup>. Em tese, o ônus extra é compensado pela premissa atual de que os GC de fuzileiros estarão sempre próximos de seus veículos, que podem lhes proporcionar maior poder de fogo, bem como recurso para evacuação médica. Assim, quando operam ao lado de uma viatura, os infantes podem portar cargas mais leves.

Os veículos são, sem dúvida, um multiplicador do poder de combate. Eles proporcionam maior mobilidade, proteção e poder de fogo (em termos de volume, alcance, precisão e letalidade); melhor comando, controle, comunicações, computadores e Inteligência (C<sup>3</sup>I); além de capacidade adicional para transportar suprimentos e equipamentos. Contudo, uma vez desembarcada, a infantaria engajada no combate aproximado nem sempre pode depender do apoio da viatura. Ademais, a infantaria desembarcada é muito sensível ao atrito e nem sempre pode manobrar efetivamente quando separada dos seus veículos<sup>34</sup>. A tropa a pé deve ser otimizada para o combate aproximado, já que a infantaria desembarcada deve lutar quando as viaturas não estiverem disponíveis.

**Tecnologia.** Como existe hoje, os novos recursos tecnológicos para a infantaria requerem manutenção e treinamento apropriados para seu emprego — algo que está além dos equipamentos padronizados que um infante já possui<sup>35</sup>. No entanto, é essencial que a tecnologia não diminua as capacidades do soldado individual no combate aproximado, mas aprimore-as. Se o infante tem que se preocupar com a vida útil da bateria, o peso excessivo do material, a possibilidade de danos ou avarias nos equipamentos e se isso diminui sua capacidade cognitiva para se manter alerta ao seu entorno, aquela tecnologia não tem lugar na infantaria. Como observado por Victor Sattler e M. O’Leary, “O fator-chave



no desenvolvimento e na extensão do apoio da rede ao infante é equilibrar os requisitos de habilidades adicionais e as exigências cognitivas de tal forma que esses recursos não se tornem as responsabilidades principais em si mesmos<sup>36</sup>.

As melhorias tecnológicas proporcionam tanto oportunidades quanto vulnerabilidades. Por exemplo, os avanços no processamento alimentar e no armazenamento de água são muito bem-vindos, já que diminuem o peso geral dos equipamentos. Da mesma forma, os sistemas terrestres não tripulados no papel de apoio logístico podem reduzir a carga do infante para 25 ou 30 kg, um peso mais aceitável. Os localizadores GPS nesses sistemas terrestres não tripulados e nos sistemas de veículos aéreos não tripulados podem assistir aos infantas, fornecendo-lhes informações ou provendo-lhes o apoio logístico. Os veículos autoguiados/autônomos podem reduzir a exigência por motoristas e, assim, permitir que mais pessoal desembarque da viatura. Ao mesmo tempo, os avanços em informações e em tecnologia de controle remoto podem reduzir a necessidade de que os atiradores das metralhadoras veiculares

Uma seção de metralhadora média das Forças Armadas da Eslovênia conduz treinamento de fogos reais, em 2015, no Polígono de Tiro e Área de Treinamento Central (OSVAD), em Postojna-Poček, Eslovênia. (Foto cortesia das Forças Armadas da Eslovênia, 1ª Brigada, 10º Regimento de Infantaria)

permaneçam embarcados, permitindo que mais pessoal deixe a viatura. Os avanços no design de armas, como tiros que dobram a esquina, podem aumentar a proteção e a letalidade.

Por outro lado, a dependência de energia de todos os dispositivos eletrônicos representa um calcanhar de Aquiles, já que amarra os combatentes aos eixos de suprimento e às fontes de energia (e.g., um veículo ou uma base) mais do que qualquer outra coisa. Ao mesmo tempo, os domínios cibernéticos e espaciais exercem um papel cada vez mais importante. A tecnologia da informação tem a capacidade de permitir maior dispersão entre os combatentes e as equipes, por meio do chamado “efeito da mídia social” no campo de batalha<sup>37</sup>. Contudo, considerando que toda tecnologia baseada em informações é vulnerável a ataques cibernéticos, permanece aberta a questão acerca do que ocorreria se, ou quando, tal ataque for

bem-sucedido. Como combatentes que são inconscientemente dependentes da tecnologia da informação se portarão na ausência dela?

Não obstante, os avanços tecnológicos a curto prazo não mudarão significativamente a natureza ou o caráter das operações de combate, tampouco mudarão significativamente as armas orgânicas do GC. Os novos sistemas de armas podem fazer com que o combatente individual seja mais letal, mas o GC continuará a realizar fogo e movimento. No entanto, há possibilidade de alterar a maneira que o elemento básico de emprego da infantaria lida com as situações de combate. A tecnologia da informação talvez não resulte em uma redução do número real de combatentes. Permitirá, contudo, ações mais independentes e dispersas do GC e dos seus integrantes. Dessa maneira, contribuirá para aumentar sua letalidade e capacidade de sobrevivência.

## A Robotização do Elemento Básico de Emprego da Infantaria

A robotização tem o potencial de reduzir o número de combatentes em um GC (se presumirmos que os robôs não são considerados soldados). Contudo, os robôs podem trazer consigo muitos problemas legais e morais semelhantes àqueles enfrentados pelos sistemas de veículos aéreos não tripulados, porém mais complexos em situações de combate aproximado, como descrito na publicação *Robots on the Battlefield* (“Robôs no Campo de Batalha”, em tradução livre), de 2014, do Combat Studies Institute (Instituto de Estudos de Combate)<sup>38</sup>.

Ao mesmo tempo, existe a possibilidade para começarmos a tratar o soldado individual, apenas, como um “coletor de informações e uma plataforma de armas”, em vez de um guerreiro propriamente dito. Como explicado por Poole, “todos os sistemas de alta tecnologia não realmente melhoram o soldado individual; em vez disso, estão transformando-o em uma extensão do quartel-general superior. Em vez de fazer com que seja adaptável, inovador e consciente ao seu entorno, eles estão fazendo-o passivo”<sup>39</sup>.

## “Técnicas de Ação Imediata” Não São Táticas

O GC precisa ser capaz de realizar fogo e movimento para executar as Técnicas de Ação Imediata (TAI). Introduzido no Exército dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, as TAI têm expandido, desde então,

para a maioria dos exércitos ocidentais em diferentes graus, tanto que têm começado a simbolizar a própria tática dos menores escalões. Vale observar que a Conferência sobre a Infantaria de 1946 se opôs ao conceito de TAI como táticas estereotipadas. No entanto, as TAI não são um equívoco, mas um primeiro passo. Elas são uma ferramenta útil para infantes treinados em engajamentos curtos e intensos, geralmente com bastante incidência de fogos de apoio externos. Porém, funcionam apenas em combates a distâncias muito curtas e em engajamentos muito breves e intensos. Existe, contudo, uma ampla gama de situações que não se encaixam nessa categoria, e um GC precisa enfrentá-las por meio de opções táticas diversificadas, não se limitando apenas a procedimentos militares padronizados<sup>40</sup>. Isso exige que o comandante do GC compreenda o ambiente físico a sua volta, antecipe as ações prováveis do inimigo e controle ativamente o desdobramento dos elementos de apoio de fogo e de assalto para enfrentar tais ameaças.

## Uma Proposta para o Elemento Básico de Emprego da Infantaria

Vimos anteriormente como diversos exércitos definem um elemento básico da infantaria. Contudo, considerando que as definições de um GC geram alguma confusão e são limitadoras, uma melhor opção seria defini-lo em termos de suas capacidades. Portanto, o GC deve ser definido como *a menor fração de tropa capaz de agir de forma independente, a fim de conquistar e manter um objetivo durante o combate aproximado em qualquer tipo de operação ou ambiente*. A capacidade essencial do GC na infantaria é conduzir manobras independentes<sup>41</sup>.

Com base nas informações acima descritas, uma organização mais flexível do GC não é somente necessária, como também é possível. O GC deve ser pequeno ou organizado de tal forma que permita a dispersão e a convergência rápidas. Também, deve ser pequeno o suficiente para permitir o emprego imediato em situações inopinadas ou de pronta-resposta, mas dotado de poder de combate suficiente para se engajar em confrontos de maior intensidade. Os fatores políticos e econômicos sempre exercerão um papel importante, mas já que o elemento básico de emprego da infantaria representa a base do poder de fogo de um exército, deve ser otimizado em sua organização, e não minimizado. Se um

exército fracassar no nível GC, nenhuma quantidade de batalhões, brigadas e divisões logrará êxito, já que todos serão escalões “ocos”. Em termos doutrinários, devemos nos afastar do conceito de fogo e movimento durante o combate aproximado como sendo a principal tarefa do GC. Em vez disso, devemos considerar sua capacidade de manobrar como uma das tarefas do GC — não necessariamente a mais difícil ou a mais importante. Devemos, também, levar em consideração os resultados das pesquisas do Exército dos EUA durante as décadas de 50 e 60, vinculando essas descobertas àquilo que podemos aprender do modo de guerra oriental.

O atual sistema de “dupla de cangas” deve ser substituído por células de três combatentes. Sattler e O’Leary observam que “com um mínimo de três, os combatentes compartilham as tarefas centrais de movimento, mantêm-se em condições de fornecer fogo de cobertura para o soldado em movimento e conhecimento da situação do seu entorno até onde isso pode afetar as ações do grupo de assalto como um todo”<sup>42</sup>. Três combatentes podem cobrir 360 graus melhor do que dois soldados apenas (veja a Figura 1). Isso é importante nos campos de batalha modernos não contíguos onde o perigo provém em todas as direções. Além disso, uma célula de três combatentes pode lidar melhor com o atrito<sup>43</sup>. Essa célula tem, ainda, maior capacidade para operar de forma independente quando necessário.

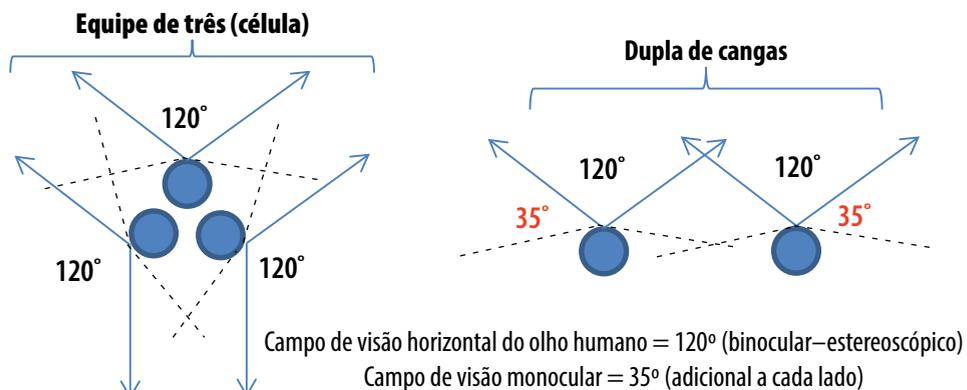
Contudo, uma célula, por si só, não poderia ser considerada o elemento básico de emprego da infantaria porque não possuiria a capacidade de conquistar e manter o terreno durante o combate aproximado. Mas, várias células especializadas poderiam formar tal elemento: uma célula de comando, uma célula de apoio de fogo e duas células de assalto, em um total de doze soldados (veja a Figura 2)<sup>44</sup>. Seria exigido do comandante do GC controlar no máximo cinco elementos (as outras três células e os dois fuzileiros de sua célula), que se encontra dentro dos limites aceitáveis de controle. O subcomandante do GC, também, seria o comandante da

célula de apoio de fogo. O GC não deveria ser subdividido em esquadras predefinidas, mas composto de células como os elementos-chave. A célula de comando proporcionaria, também, segurança e, quando necessário, reforço às outras células. Porém, não seria aconselhável que fosse usada para as finalidades de reconhecimento, uma vez que haveria um alto risco de o comandante de GC ficar engajado e, portanto, incapaz de controlar a manobra do resto do Grupo. Em vez disso, uma das células de assalto poderia ser empregada para esse fim, sempre que necessário.

Quando julgado conveniente, as células poderiam formar esquadras. Elas não teriam rigorosamente a mesma composição, mas isso não comprometeria consideravelmente a capacidade do GC de manobrar por esquadras. Ao contrário, permitiria mais flexibilidade ao comandante do Grupo, para reforçar a célula de apoio de fogo ou uma célula de assalto, dependendo da situação tática. Embora o uso de duas esquadras homogêneas possa ser a solução ideal para um GC de infantaria conduzindo um assalto direto contra uma posição inimiga, não deixa de fazer sentido dispor de esquadras desequilibradas/especializadas para atender outras ações táticas<sup>45</sup>.

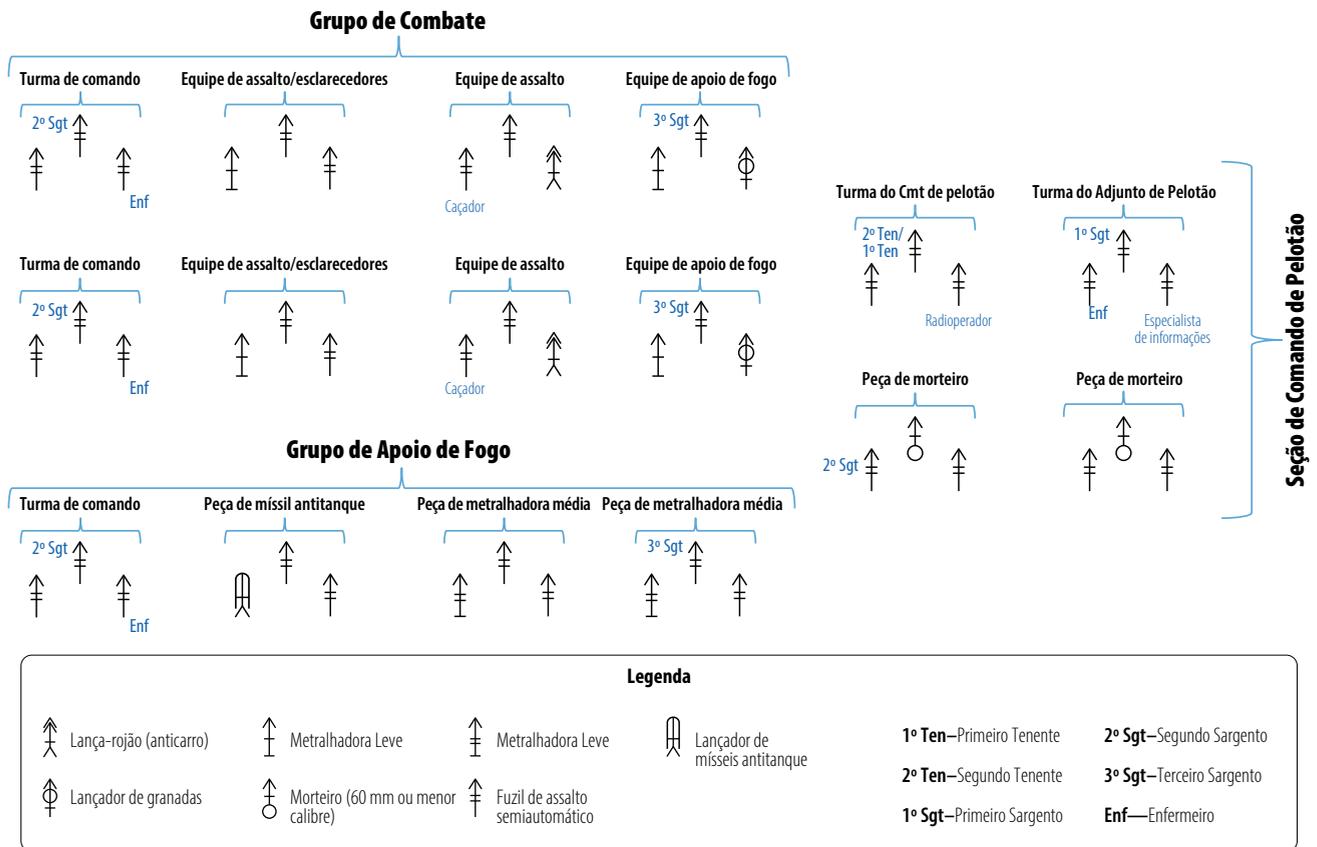
A proposta de um GC a 12 soldados consegue absorver consideravelmente mais baixas, sem degradar sensivelmente sua efetividade no combate<sup>46</sup>. Ainda, permite uma melhor distribuição do peso extra de material, que é consideravelmente grande no combate moderno<sup>47</sup>.

Em termos de poder de fogo, o GC ora proposto seria dotado de duas metralhadoras leves, um lança-rojão e sete fuzis, não incluindo o comandante e o subcomandante do Grupo. Além disso, um



(Gráfico pelo autor)

**Figura 1. Campos de Visão**



(Gráfico pelo autor)

**Figura 2. Proposta de Organização de um Pelotão de Fuzileiros**

fuzileiro seria equipado com uma arma anticarro (veja a Figura 2). Dessa forma, o número de armas de apoio (metralhadoras leves, lança-rojão e arma anticarro) corresponde a 30% do GC, limite máximo aconselhável de dotação das armas de apoio. Sobretudo, o número de fuzis automáticos faz com que um GC seja letal no combate aproximado.

## A Proposta de Reorganização do Pelotão de Fuzileiros

Ao aceitar o GC ora proposto, o Exército dos EUA e todos os exércitos com as mesmas características ou soluções organizacionais semelhantes devem, também, repensar a sua atual organização do pelotão. A doutrina atual do Exército dos EUA declara, “o G Ap da infantaria proporciona a principal base de fogos para a manobra do pelotão”<sup>48</sup>. Todavia, na prática, o comandante de pelotão do Exército dos EUA frequentemente distribui os elementos do G Ap entre as esquadras de fuzileiros com base na situação tática. Por esta razão, em vez

de três esquadras e um G Ap, um pelotão poderia ser melhor organizado em dois GC e um grupo de apoio de fogo (Gp Ap F). Doutrinariamente, não há necessidade para a existência de um terceiro GC, considerando que o comandante de pelotão poderia empregar o Gp Ap F como base de fogos, enquanto um GC manobra sobre o objetivo e o outro fica em reserva ou em condições de reforçar.

O Gp Ap F pode ser composto por quatro células (ou turmas): uma de comando, uma anticarro e duas de metralhadora média (veja a Figura 2). A célula anticarro deve ser equipada com uma arma guiada anticarro do tipo Javelin. Levando-se em consideração que a missão principal do Gp Ap F é fornecer uma base de fogos para a manobra do pelotão, torna-se evidente que se trata de um grupo que goza de menor aptidão para realizar ações independentes, sobretudo, devido a seus equipamentos mais pesados. No entanto, ainda assim, poderia manobrar de maneira semelhante a um GC, mantendo as duas peças de metralhadoras médias na base de fogos, enquanto a célula anticarro

(sem os sistemas de armas anticarro) junto com a turma de comando manobram até o objetivo.

Além disso, morteiros podem ser designados no nível pelotão, proporcionando a seu comandante apoio de fogo imediato e fazendo com que o pelotão se torne muito mais independente no campo de batalha (uma desvantagem pode ser a incapacidade de um comandante de pelotão inexperiente comandar e controlar dois GC, um Gp Ap F e uma seção de morteiros ao mesmo tempo). A seção de comando do pelotão pode ser organizada em células ou turmas: uma célula do comandante de pelotão, uma célula do sargento adjunto e duas células de morteiros leves (veja a Figura 2). Nesse caso, o sargento adjunto teria a atribuição adicional de conduzir o combate do pelotão no domínio informacional, com a assistência de um especialista em tecnologia de informações/mídia<sup>49</sup>. Isso é outra capacidade importante que deve ser introduzida no nível pelotão, considerando que a

vitória ou derrota no combate atual depende mais da percepção na mídia independente do que dos resultados reais da batalha.

Uma grande desvantagem dessa proposta é que tal pelotão seria composto por 48 combatentes. Este número é incompatível com o padrão de quatro veículos geralmente disponíveis para um pelotão. As maiores viaturas de transporte de pessoal em uso têm espaço apenas para 10 militares, o que pode impor limites ao efetivo do pelotão. A composição proposta é, portanto, apenas adequada para uma fração de infantaria leve com apoio de caminhões, ou caso o pelotão nunca atue como um todo, mas sempre adaptado a cada missão específica, com o resto sendo deixado para trás como uma reserva em prontidão. Ou, ainda, o grupo de comando do pelotão pode ser reduzido para uma única célula ou turma composta pelo comandante de pelotão, o sargento adjunto e um fuzileiro (preferencialmente, especialista em informações/mídia). ■

---

## Referências

**Epígrafe.** Bruce Berkowitz, *The New Face of War: How War Will Be Fought in the 21st Century* ("A Nova Face da Guerra: Como a Guerra Será Travada no Século XXI", em tradução livre) (New York: The Free Press, 2003), contracapa.

1. Benjamin J. Nagy, "Maniple to Cohort: An Examination of Military Innovation and Reform in the Roman Republic" (tese de mestrado, Command and General Staff College, Fort Leavenworth, KS, 2014), p. 31, acesso em: 8 fev. 2018, <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a611719.pdf>. Uma centúria era composta por 80 homens organizados em dez contúbernios.

2. Paul E. Melody, "The Infantry Rifle Squad: Size Is Not the Only Problem" (monografia, Fort Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies, 1990), p. 3, acesso em: 8 fev. 2018, <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a225438.pdf>.

3. Victor Sattler e M. O'Leary, "Organizing Modern Infantry: An Analysis of Section Fighting Power," *Canadian Army Journal* 13, no. 3 (Autumn 2010): p. 23–53, acesso em: 8 fev. 2018, [http://regimentalogue.com/blog/caj\\_vol13.3\\_06\\_e.pdf](http://regimentalogue.com/blog/caj_vol13.3_06_e.pdf). Como descrito pelos oficiais canadenses Sattler e O'Leary, "O desenvolvimento da estrutura da seção [grupo de combate] parece ter sido feito mais no contexto de novos equipamentos que exigiam o tamanho do efetivo, em vez da maior análise coerente do batalhão como um sistema de combate em um contexto operacional".

4. Ibid.

5. Robert C. Johnson, "Fighting with Fires: Decentralized Control to Increase Responsiveness"

(monografia, Fort Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies, 2000), acesso em: 8 fev. 2018, <https://www.hsdl.org/?view&did=727039>.

6. Robert H. Scales Jr., "The Army and the Future of Irregular Conflict (transcript of presentation)," *Warfare in the Age of Non-State Actors: Implications for the US Army*, eds. Kendall D. Gott e Michael G. Brooks (Fort Leavenworth, KS: Combat Studies Institute Press, 2007), p. 258.

7. Ibid.

8. John Gordon IV et al., *Comparing U.S. Army Systems with Foreign Counterparts: Identifying Possible Capability Gaps and Insights from Other Armies* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2015), p. 80.

9. Ibid., p. 77-82. O estudo da RAND reconheceu que os grupos de combate de infantaria não são padronizados e podem ter entre 8 e 13 integrantes, subdivididos em duas ou três esquadras. Ainda, podem ter nomes e estruturas diferentes, dependendo do país de origem.

10. Army Techniques Publication (ATP) 3-21.8, *Infantry Platoon and Squad* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office [GPO], 2016), p. 1-11 a 1-12.

11. Como sugerido pelo nome, uma "dupla de cangas" é composta por dois soldados que cooperam e dependem de si mesmos no campo de batalha.

12. Cada esquadra é composta por um comandante de esquadra, um atirador de metralhadora leve, um granadeiro e um fuzileiro.

13. ATP 3-21.8, *Infantry Platoon and Squad*, 1-13. O G Ap é um grupo especializado dividido em duas esquadras de

metralhadora M240 e duas esquadras de mísseis de combate aproximado Javelin.

14. *Priročnik za Poveljnike Oddelkov* [Manual do Comandante de Grupo de Combate] 811-11-1/97, *Taktika* [Tática] (Eslovênia: Ministério de Defesa, 14 dez. 1998). Os atuais quadros de organização e de distribuição de material do GC de fuzileiros das Forças Armadas da Eslovênia (FAE) é uma cópia do GC do Exército dos EUA, mas a estrutura organizacional antiga do GC das FAE ainda é doutrinariamente válida. Segundo o Manual do Comandante de Grupo de Combate das FAE, o GC de fuzileiros deve ser doutrinariamente composto por um comandante de GC; um atirador caçador; um atirador de metralhadora leve e seu auxiliar; um granadeiro; um especialista anticarro e seu auxiliar; e quatro fuzileiros. Ao todo, 11 integrantes que não são subdivididos organicamente em esquadras.

15. *Ibid.*, capítulo IV.

16. Gordon IV et al., *Comparing U.S. Army Systems with Foreign Counterparts*. A esquadra de 300 m é composta por um comandante de esquadra e dois fuzileiros, geralmente reforçada com foguetes anticarro. A esquadra de 600 m é composta por um comandante de esquadra, um operador de morteiro de assalto 51 mm, um atirador de metralhadora leve e, opcionalmente, um caçador.

17. *Ibid.*; "French army organization," Armaholic, acesso em: 2 mar. 2018, <http://www.armaholic.com/forums.php?m=posts&q=10420>.

18. Para os fins a que se destina este artigo, o termo "exércitos orientais" se relaciona aproximadamente aos da China, Vietnã, Coreia do Norte e algumas organizações insurgentes/terroristas do Oriente Médio (e.g., Hezbollah).

19. H. John Poole, *Phantom Soldier: The Enemy's Answer to U.S. Firepower* (Emerald Isle, NC: Posterity Press, 2001).

20. H. John Poole, *Tactics of the Crescent Moon: Muslim Combat Methods* (Emerald Isle, NC: Posterity Press, 2004), p. 25.

21. Norfolk, "The Rifle Squad/Section-What Should It Do and How Should It Be Organized?," *SinoDefenceForum* (website), 12 Aug. 2007, acesso em: 9 fev. 2018, <https://www.sinodefenceforum.com/the-rifle-squad-section-what-should-it-do-and-how-should-it-be-organized.t3379/>. O responsável por esta discussão profissional on-line indica que o GC do Exército de Libertação Popular é composto por uma esquadra de quatro integrantes (incluindo o comandante do GC e uma arma anticarro), uma esquadra de três integrantes com uma arma anticarro e uma esquadra de três integrantes com uma metralhadora leve.

22. Poole, *Tactics of the Crescent Moon*.

23. Poole, *Phantom Soldier*, p. 33-46.

24. Melody, "The Infantry Rifle Squad". Os estudos incluíam a 1946 U.S. Army Infantry Conference (Conferência sobre Infantaria ocorrida em 1946), o 1956 Research Study of Infantry Rifle Squad (Estudo de Pesquisa sobre o Grupo de Combate de Infantaria de 1956), a 1961 Optimal Composition of the Rifle Squad and Platoon (Composição Ideal do Grupo de Combate e do Pelotão de Fuzileiros de 1961) e o 1966 Infantry Rifle Unit Study (Estudo de Unidade de Fuzileiros de 1966).

25. *Ibid.* Isso foi desconsiderado anteriormente pelo Exército dos EUA, mas vale observar que a Conferência sobre a Infantaria de 1946 foi o resultado da experiência norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial.

26. Timothy M. Karcher, "Enhancing Combat Effectiveness, the Evolution of the United States Army Infantry Rifle Squad since the End of World War II" (tese de mestrado, Command and General Staff College, Fort Leavenworth, KS, 2002), p. 85, acesso em: 12 fev. 2018, <http://www.dtic.mil/get-tr-doc/pdf?Location=U2&doc=GetTRDoc.pdf&AD=ADA407058>.

27. Sattler and O'Leary, "Organizing Modern Infantry," p. 40.

28. *Ibid.*, p. 32.

29. Melody, "The Infantry Rifle Squad". O índice médio de baixas durante o combate de alta intensidade está entre 20% e 30%, mas temos que considerar que o efetivo do GC em qualquer momento é afetado, também, por doenças, férias, cursos, etc.

30. *Ibid.*

31. Michael O'Leary, "The Canadian Infantry Section Attack Part One: Attrition Training in a Manoeuvre Army," *The Regimental Rogue website*, 1999, acesso em: 12 fev. 2018, [http://regimentalrogue.com/papers/sect\\_atk.htm](http://regimentalrogue.com/papers/sect_atk.htm). Rotineiramente, os integrantes do GC portam fitas extras de metralhadora, bombas de morteiro e foguetes anticarro leves.

32. Karcher, "Enhancing Combat Effectiveness," p. 9-10. "A questão de padronização para toda a infantaria (unidades pesadas e leves) finalmente levou os planejadores a estabelecer um GC de fuzileiros composto por nove integrantes, ao mesmo tempo que manteve a organização por esquadras ... Assim, ao longo dos últimos 25 anos, se pode observar uma redução na capacidade do fogo e manobra no nível GC devido, principalmente, às limitações de pessoal".

33. Melody, "The Infantry Rifle Squad," p. 1. Cargas mais pesadas reduzem a mobilidade do combatente e dificultam sua capacidade de reagir a eventos inesperados.

34. Karcher, "Enhancing Combat Effectiveness". Como ressaltado por Karcher, "o conceito da BFV [viatura de combate Bradley] fornecendo a base de fogos para permitir que o 'GC' de infantaria blindada manobre é fundamentalmente defeituoso, e faz com que o GC de fuzileiros seja incapaz de executar fogo e movimento"; também, veja Melody, "The Infantry Rifle Squad," p. 41. "O elemento desembarcado da viatura Bradley, seis pessoas, é demasiadamente pequeno e pesadamente armado.

35. Não necessariamente uma proposta simples, curta ou barata.

36. Sattler e O'Leary, "Organizing Modern Infantry," p. 35. Em outras palavras, em termos de consciência situacional, não existe nada que diga a um combatente ou seu comandante o que está ocorrendo em um setor adjacente e que proporcione discernimento da visão do todo de que eles não estão sendo capazes de processar e reagir a um inimigo que surge do esgoto à sua retaguarda.

37. Online and Social Media Division, *The United States Army Social Media Handbook* (Washington, DC: Office of the Chief of Public Affairs, April 2016, já revogado). Among other things, the *Army Social Media Handbook* discute como a mídia social faça com que a família do Exército dos EUA, por todo o mundo, se mantenha em contato e relate a versão de eventos do Exército dos EUA. A frase essencial para nossas finalidades é "mantenha-se em contato". O efeito da mídia social no campo de batalha se relaciona ao sentido de conexão na ausência de contato físico. Por meio do uso da mídia social no campo de

batalha, o Exército pode — até certo grau — mitigar o impacto negativo da falta de contato físico causada pela maior dispersão de unidades e indivíduos.

38. Ronan Doaré et al., *Robots on the Battlefield: Contemporary Issues and Implications for the Future* (Fort Leavenworth, KS: Combat Studies Institute Press, 2014).

39. Poole, *Phantom Soldier*, p. 223-27.

40. O'Leary, "The Canadian Infantry Section Attack Part One." O autor cita o Cel Arjun Ray: "O fetichismo para as Técnicas de Ação Imediata (TAI) tem sido principalmente responsável pelo saneamento da imaginação, criatividade e mobilidade mental nas fileiras da infantaria. As TAI são ... um conjunto de reações ... Por outro lado, as táticas são um plano bem pensado para superar a ameaça. Portanto, as duas são coisas diferentes.

41. O objetivo pode ser um setor de uma trincheira inimiga, uma casa, uma casamata ou um alvo de tamanho semelhante; Army Doctrine Reference Publication (ADRP) 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, October 2017), p. GL-2. O *combate aproximado* é definido como "aquela parte da guerra realizada no terreno em um combate de fogo direto, apoiada por fogos diretos e indiretos, além de outros meios"; Joint Publication 3-0, *Joint Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, January 2017), GL-12. A *manobra* é definida como "o emprego de forças em uma zona de ação por meio de movimento em conjunto com fogos, a fim de proporcionar uma posição de vantagem sobre o inimigo".

42. Sattler e O'Leary, "Organizing Modern Infantry," p. 41.

43. Dois militares são muito mais capazes de tratar e evacuar um soldado ferido do que um único soldado "amigo". Ainda, no

caso da morte de um combatente, a integração do substituto em uma célula é mais fácil do que construir uma nova "dupla de cangas".

44. Os símbolos usados na figura são da ADRP 1-02, *Terms and Military Symbols* (Washington, DC: U.S. GPO, November 2016), table 5-1.

45. Uma solução organizacional pré-definida tende a determinar as opções táticas; assim, uma organização flexível no nível GC é preferida. Duas esquadras homogêneas significa, também, duas metralhadoras leves e dois lança-rojões, segundo os estudos têm demonstrado não são as armas mais desejadas no combate aproximado (e.g., combate urbano, limpeza de trincheiras e assalto a casamatas).

46. O GC conseguiria sustentar baixas em 33% (quatro integrantes) antes de ser incapaz de realizar fogo e movimento, em vez de baixas em 11% (um integrante) do GC de fuzileiros atual do Exército dos EUA e das FAE.

47. O suprimento de combate não se limita apenas a munições e explosivos, inclui também água, rações e itens de suporte à vida, bem como outros recursos como os veículos aéreos não tripulados, dispositivos biométricos, baterias, dispositivos de observação, armas não letais, escadas, dispositivos para abrir brecha, etc.

48. ATP 3.21-8, *Infantry Platoon and Squad*, p. 1-13.

49. Considerando que os avanços na tecnologia das comunicações produzem rádios menores, mais leves e automatizados, já não é necessário designar um soldado apenas como operador de rádio no nível pelotão ou GC.